



**ESTUDO DIRIGIDO PSI**

**CURSO PREPARATÓRIO CONCURSOS 2017**

**GRUPOS – PARTE I**

*Prof.<sup>a</sup>: Flaviany Ribeiro*

## GRUPOS

**BAREMBLITT, G. GRUPOS: TEORIA E TÉCNICA. RIO DE JANEIRO:** Ed Graal Ibrapsi, 1986.

O livro apresenta uma coletânea de artigos de alguns dos mais expressivos autores do campo da dinâmica de grupos, e sua interface com a psicologia e a psicanálise. Os artigos contemplam um vasto leque de teorias e técnicas de trabalho com os grupos e representam, em grande medida, a amplitude de abordagens presente na constituição do Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (IBRAPSI) que, desde o início, se opôs às visões parcializadas da maior parte das sociedades psicanalíticas e propôs uma formação mais aberta a diferentes abordagens de trabalho.

Em primeiro lugar, é necessário contextualizar o trabalho com grupos. A origem desse trabalho é comumente remetida às experiências do médico americano Joseph Pratts que, em 1905, reunia seus pacientes com tuberculose em grupos onde havia sessões de troca de experiências e algumas modalidades de recompensas diante dos pacientes que apresentassem satisfatória adesão ao tratamento.

Nesse momento, entretanto, ainda não existia o termo “psicoterapia de grupo” que só viria a ser elaborado na década de 1930 por Moreno. Moreno, por sua vez, é considerado o primeiro a ter sistematizado uma técnica de psicoterapia com grupos: o Psicodrama. Essa técnica pode ser considerada um teatro terapêutico onde os participantes eram convidados a realizar esquetes onde desempenhavam papéis que os permitiam expressar conflitos subjetivos e/ou intersubjetivos. Seu objetivo era unir a palavra à ação e, assim, tornar mais efetiva a catarse do processo terapêutico.

Um outro autor considerado uma referência na história das técnicas de trabalho com grupos é Kurt Lewin. A partir de 1944, Lewin e seus colaboradores elaboraram uma teoria para a compreensão dos grupos que inclui, entre outros aspectos, a teoria de campo e a teoria da dinâmica de grupo.

A partir da década de 1940, diversos autores vão começar a trabalhar com grupos e os artigos que compõem o livro vão justamente apresentar um panorama desses trabalhos, com um olhar focado nas experiências latino-americanas.

### Texto 1

#### **NOTAS ESTRATÉGICAS A RESPEITO DA ORIENTAÇÃO DA DINÂMICA DE GRUPOS NA AMÉRICA LATINA**

##### **G. Barembritt**

Nesse capítulo Barembritt faz uma síntese das diversas correntes e propostas teóricas no campo da dinâmica de grupo, analisando suas condições de surgimento, refletindo sobre as divergências e convergências entre algumas delas, de modo a caracterizar esse complexo e variado campo.

Inicia o texto definindo a dinâmica de grupo como uma complexa e variada corrente contemporânea de:

(1) Saberes teórico-metodológicos-técnicos, formalizados ou não, sob a qualidade de corpos científicos, doutrinas, ideologias práticas, etc...

(2) Práticas sociais, profissionais ou não, de prestação de serviços

(3) Agentes praticantes e usuários

(4) Instituições produtoras, reprodutoras ou reguladoras, organizadas em estabelecimentos.

(5) Movimentos politizados e ideologizados que exercem um poder e propagam crenças etc...

- Para ele, trata-se de um campo decorrente das formações econômicas-sociais capitalistas. Possui, portanto, uma data de aparição e um contexto específico de surgimento.
- Agentes praticantes e usuários: camadas médias e altas da pequeno-burguesia urbana de países ocidentais – prof. Liberais, estudantes universitários, burocratas, médicos, comerciantes – nível cultural e ideologia “progressista”.
- A dinâmica de grupo dispõe de três principais áreas de geração e ação:

(1) A medicina (na qual as técnicas de dinâmica grupal são empregadas com finalidades psicoprofiláticas [de profilaxia – conjunto de medidas destinadas a impedir o aparecimento ou propagação de uma doença, no caso psíquica] e psicoterapêuticas.

(2) A pedagogia (procedimentos grupais de ensino).

(3) A sociologia (psicossociologia dos pequenos grupos na indústria e no comércio, na comunidade vicinal [vizinhas, próximas] e étnica).

- Quanto às fontes teóricas e epistemológicas, podem possuir base:

(1) Psicanalítica (tão diversa quanto a própria escola: Freud, Lacan, M.Klein, Junguiana...)

(2) Fenomenológica-existencial (Sartre, Buber, Binswanger, Merleau-Ponty)

(3) Psicodramática (cujo pilar central é sem dúvidas, Moreno).

(4) Empirista, pragmatista (que reúne a pedagogia democrática de Dewey com o comportamentalismo social de Mead

(5) Gestaltista, sendo seu representando principal Kurt Lewin.

Pois bem, ele enumera ainda outros exemplos. O mais importante destacar do elenco de exemplos dado por ele não é propriamente o aprofundamento em cada um deles, mas a compreensão da disposição do campo da dinâmica de grupo. Esta lista nos revela que as escolas são tantas que desafiam qualquer tentativa não somente de sistematização, mas até mesmo de enumeração. Seria exaustivo dar conta de todas elas.

O autor destaca como importante, ainda, o surgimento das correntes de psicologia-psicoterapias institucionais (que ele entende como sendo as orientações teórico-operativas surgidas nos Estados Unidos, Inglaterra, Argentina e França) e psicologia-psicoterapias de massa (que diz respeito à aplicação das mais diversas orientações pelos organismos do Estado ou pela iniciativa privada em grandes setores da população) □ Infiltração das disciplinas psicológicas e psiquiátricas. Primeiramente a psiquiatria clássica asilar, para depois avançarem, sob a forma de grandes programas, sobre a

prevenção (movimento de higiene mental), sobre a educação (psicologização da infância), sobre o trabalho social (psicomedicina do trabalho), sobre a delinquência, a marginalidade, a racialidade, a moral sexual cultural (como psicomedicalização das diferenças).

Surge nesse contexto um conjunto de importantes teóricos críticos dos sistemas institucionais e aplicados às massas em prol do controle social: medicalização, psiquiatrização e psicologização das relações sociais (Goffman, Illich, Deleuze, Guatarri, Foucault, Basaglia, Berlinger, Bourdieu, Laing).

Na história das técnicas grupais, após um período inicial de psicoterapia PELO grupo (uso de mecanismos de sugestão, identificação tipo AA), paulatinamente foi se impondo uma modalidade de psicoterapia NO grupo (isto é, psicanálise individual de cada membro na presença dos demais), até se generalizar, nos ambientes de usuários, a psicoterapia DO grupo (psicanálise do inconsciente grupal, composto de aspectos concernentes ao grupo enquanto unidade).

A partir do início dos trabalhos com grupos até o início da década de 1980, ocorreu um crescimento significativo da demanda dessa modalidade terapêutica, algumas causas:

1. Transformações na produção de necessidades e demandas.
  2. Aumento dos padrões de consumo.
  3. Aumento do poder aquisitivo das camadas baixas e médias da pequeno-burguesia e do proletariado urbano
  4. Explosão demográfica e migrações do campo para a cidade.
  5. Tecnologização geral da luta de classes.
  6. Crise das ideologias religiosas, rituais e valores em geral.
  7. Crise institucional da família nuclear burguesa.
  8. Impessoalização geral das relações sociais.
  9. Incremento da tensão social devido à guerra político-ideológica inter e intra-nacional
  10. Crescimento da subversão, marginalidade e delinquência.
  11. Propagação da contracultura contestatória dos valores dominantes do sistema.
- O autor analisa o processo social de nascimento, crescimento e expansão das correntes psicológico-psiquiátricas:

**PRIMEIRO PERÍODO: CAPITALISMO EMERGENTE.** Contexto: Punição da delinquência pelo aparato jurídico-político. Necessidade de produzir mão de obra adaptada (corpos dóceis) □ conter os desvios e a marginalidade pelo aparelho psiquiátrico clássico. Reforço de uma ideologia conservadora na família, na igreja, na escola e nos meios de difusão de massa.

A contestação surge através da psicanálise: crítica à razão instrumental do capitalismo, à moral sexual cultural genitalista e reprodutora, ao critério jurídico de responsabilidade e culpabilidade de orientação punitiva, à pedagogia repressiva e da assexualização da infância, à medicina positivista-mecanicista.

SEGUNDO PERÍODO: EVOLUÇÃO DO CAPITALISMO para sua fase multinacional imperialista. Contexto: Necessidade de redução dos gastos públicos, efeitos das corridas armamentistas, recuperação rápida da força de trabalho, demanda de novos mercados.

TERCEIRO PERÍODO: CAPITALISMO PLANETÁRIO. Contexto: Os sistemas de controle social se modernizam, definição de estados de saúde como patológicos e transformação dos conflitos econômico-político-ideológicos em problemas de psicoterapia.

- Alterações macrossociais atravessam história dos movimentos institucionais, como no caso da abertura das sociedades psicanalíticas às demandas sociais de crescimento capitalista. Durante muito tempo, a prática grupal foi relegada a quem não podia pagar a análise individual. Aos poucos, a maior parte das correntes de psicoterapia possuem uma ramificação grupal, voltada principalmente para prevenção, diagnóstico, tratamento, acompanhamento, “operatividade”, etc.

- Críticas às psicoterapias de grupo – destaca duas:

1. J. B. Pontalis em “A psicanálise depois de Freud”: observa que “os recursos conceituais das teorias sobre a dinâmica grupal são rudimentares” porque se baseiam em concepções de grupo que são “ideologias teóricas” que somente consolidam preconceitos cuja eficácia técnica é utópica na medida em que não pode ser avaliada por nenhuma “teoria convincente”. As razões de se trabalhar com grupo é função muito mais de “convicções morais ou políticas (...) que decisões prescritas por um saber”. A única teoria “aproveitável” sobre os grupos provém de Freud (em Psicologia de Grupo e Análise do Ego) e “toda compreensão do que acontece num grupo requer a localização deste no tecido da sociedade e uma articulação entre as estruturas desta e as estruturas inconscientes descobertas pela psicanálise”. Questiona, enfim, se o grupalismo não é uma mera resposta à demanda social, voltando, uma vez mais, sua crítica na falta de critério teórico para a dinâmica grupal.

2. R. e F. Castel e A. Lowell no livro “La Société Psychiatrique Avancée” coloca a dinâmica grupal no quadro da estrutura e processo sócio-político-econômico-ideológico norte-americano. Define tal formação econômico-política como “sociedade liberal” – finalidade de transfigurar os conflitos resultantes do sistema de exploração capitalista em problemas de normalidade-anormalidade ou saúde-patologia. E assim, emprega mecanismos de controle social: dispositivo médico-psicológico de vigilância, preservando a ordem instituída, empregando uma forma sutil de violência compatível com a lógica do mercado. Estes autores identificam objetivos revolucionários nas diversas correntes grupais (tais como ser contra o uso de categorias diagnósticas, contra normalização de comportamentos, contra o emprego de procedimentos repressivos, etc), entretanto mostram como no final das contas acabam se ajustando e cedendo as sobredeterminações sociais predominantes.

- Baremlitt analisa, então, a conjuntura sócio-política do vasto território da América Latina a fim de pensar o papel da saúde mental nesse território com tais características, dentre as quais destacamos: formações econômico-sociais de tipo neo-colonial, a maioria dos países já foram governados por ditaduras militares, políticas inflacionárias, baixa produtividade nacional, etc. No plano da saúde mental, esse contexto reforça o funcionamento de instituições e procedimentos baseados na psiquiatria clássica, repressiva e segregativa.
- Sobre o trabalho de grupo e institucional na América Latina, com base em sua experiência, Baremlitt diz o seguinte:
- A tessitura assistencial, em termos de saúde mental, na América Latina, continua sendo predominantemente do tipo organicista-asilar, com uso de supermedicação repressiva.
- Essa tendência forma especialistas com visão reducionista, autoritária e reacionária.

- Conservação de feudos psiquiátricos.
- Um trabalhador de saúde mental que subscreva a necessidade da assistência por meios psíquicos já detém certo nível de questionamento e pensamento crítico, configurando um perfil evoluído.
- O Movimento de Trabalhadores de Saúde Mental na Argentina:

No caso da Argentina, os TSM com formação psicanalítica protagonizaram um dos mais importantes movimentos psi de oposição a um regime militar. Esse movimento marcou a entrada da psicanálise em diversos âmbitos institucionais (hospitais, escolas, centros de saúde, universidades, etc), carregando a crítica das condições internas dessas instituições, proporcionando argumentos teóricos para diversas reivindicações (melhorias assistenciais, sindicais, educativas, etc). O Movimento de TSM na Argentina na década de 70 foi intensamente combatido pelas forças armadas ditatoriais. Movimento ligado à consciência política, à crítica da família e das instituições burguesas, luta contra a repressão.

- Críticas às abordagens de Perls, Rogers, Reich, dentre outros, que para o autor, chegam à América Latina com finalidades reacionárias, desprofissionalizantes, sem consistência teórica, apelo à espontaneidade técnica, que ganham adeptos e se propagam com espantosa rapidez.

➤ **Considerações finais:**

- As utilizações com o objetivo de “psicologizar a luta de classes”, de “criminalizar a necessidade”, de “anormalizar e patologizar o desvio, a marginalidade e a dissidência” obviamente existem e são favorecidas pelo aparelho de Estado.
- A importação de correntes psi norte-americanas grupistas de base comportamental, funcionalista e existencial-humanista obtém espontaneísmo, baixo nível teórico, misticismo, etc, e uma crescente difusão.
- Má formação dos trabalhadores de saúde mental: crise das profissões liberais tradicionais, importação acrítica de projetos que não se realizam, etc.
- Os sistemas psi, especialmente o psicanalítico, se tornam um cimento ideológico parte de uma plataforma política transformadora.

➤ **Resumo de suas proposições:**

- Aperfeiçoamento e aprofundamento da formação dos TSM. Recuperação da atividade crítica.
- Ênfase no rigor teórico, nos procedimentos interdisciplinares, do trabalho em equipe e da crítica da divisão social do trabalho.
- Obtenção de um conhecimento epistemológico para a vigilância crítica da cientificidade das suas teorias e procedimentos.
- Importância das aplicações grupais e comunitárias.
- Reflexão crítica e ação político-sindical permanente em relação ao papel profissional e sua função histórica, tendo por objeto a ideologia dominante e suas instituições.

## **Texto 2**

### **A PROPÓSITO DA TERAPIA FAMILIAR**

**Felix Guattari**



- Durante muito tempo a psicanálise foi referência no campo psi, mas parece que hoje há um movimento de expansão das teorias e técnicas fundadas no condicionamento e na sugestão, apoiadas na teoria da informação, da comunicação e dos sistemas.
- As práticas sociais de segregação dirigidas às populações oprimidas carregam são justificadas cientificamente e carregam as vestes de técnicas profissionais. Desse modo, as práticas cotidianas dos TSM, para serem melhores aceitas, devem ter o lustro de técnicas altamente especializadas.
- Hoje procura-se tornar mais sutil esse aparato de controle, miniaturizar os equipamentos pesados como os antigos hospitais psiquiátricos, e isso se dá através da difusão das normas e da ideologia do controle social de tal maneira que as pessoas não percebam o quanto reproduzem valores dominantes.
- Neste contexto parece se inscrever a atual difusão das diversas modalidades de terapia familiar. As teorias sistêmicas têm sido aceitas em nome da proclamação de sua eficácia. A ausência de crítica e a suficiência tecnológica de tais especialistas tornou-se hoje um dos fundamentos da ordem estabelecida.
- “Separar o joio do trigo”: colocar de um lado algumas concepções familiaristas reacionárias e guardar, de um outro, elementos válidos ao nível científico e técnico.
- Ele vai dizer, ainda, que os desejos mais singulares, os sintomas mais íntimos estão em conexão direta com as questões sociais mais amplas. Através do pai, da mãe, do professor primário, do artista da televisão, é a sociedade inteira que se exprime. E inversamente, todos os grandes problemas econômicos, sociais e políticos macrosociais afetam diretamente os modos de vida, a relação de trabalho, a produção de discursos sobre o corpo, sobre o sexo, etc. Ou seja, as diversas dimensões da vida humana estão interligadas e não convém analisar uma sem levar as demais em consideração.
- Terapia de família: mais próxima das realidades sociais vivas suas intervenções colocam em causa todo um continuum de questões micro-políticas (problemas sociais, definição do modo de funcionamento de nossa sociedade) – crítica à terapia sistêmica.
- Teoria como instrumento ideológico: macro-política percebida como separada dos aspectos psíquicos quando, na prática, são indissociáveis: terapeutas de família colocam em causa continuum de questões micro-políticas e do funcionamento da sociedade.
- Análise como instrumento político deve levar em consideração mecanismos de poder: intervenção do analista ocorre em função de seu capital de saber. Deve haver uma clara consciência dos mecanismos de poder para não ser um mero instrumento deles.

### Texto 3

#### **PROJETO DE TRABALHO SOBRE O CONCEITO DE GRUPO NA OBRA DE GUATTARI E DELEUZE**

**Paulo Viana Vidal**

- Propósitos do texto:
  - Elucidação das transformações dos conceitos relacionados ao trabalho com grupos;
  - Exposição das matrizes conceituais da psicoterapia institucional, campo teórico sobre o qual Guattari trabalha em seu livro “Psicanálise e Transversalidade” (coletânea de artigos redigidos entre 1955 e 1970);
  - Pensar no efeito terapêutico do trabalho institucional, rompendo com as ideias asilares e do contratualismo psicanalítico;
  - Analisar o coletivo como resultado das forças grupais e agente da tessitura institucional;

- Equiparação da relação coletivo/grupo com a relação outro/sujeito: demanda, transferência e cura na psicoterapia institucional;
- Delinear as noções centrais do livro de Guattari;
- Verificar até que ponto as reflexões anteriores permitem que o estudo sobre os grupos escape das aporias com que se defronta sua corrente psicanalítica: os eternos problemas das relações entre o geral e o particular, o grupal e o individual, o social e o psíquico, etc.
- Pontuar as sucessivas transformações pelas quais passaram noções como as de grupo-sujeito, grupo-submetido, fantasma de grupo e transversalidade.
- Estas noções citadas anteriormente nasceram no contexto da chamada PSICOTERAPIA INSTITUCIONAL. (Movimento Psiquiátrico surgido após a II Guerra Mundial, reunindo críticas às estruturas dos antigos manicômios franceses. Destaque das figuras de Tosquelles, o próprio Guattari, dentre outros). (p.45)
- Tal corrente concebe o efeito terapêutico como efeito institucional e não como ato (médico ou psicanalítico) cronometrado e localizado. Opondo-se à estrutura asilar e ao dispositivo psicanalítico clássico (divã, contrato...).
- A PI (psicoterapia institucional) recebe contribuições provenientes do sartrismo, do freudismo, do marxismo, do lacanismo, etc.
- Ao se definir como terapia NA e PELA instituição, precisou também se definir sociologicamente, conceituar o que é instituição, quais suas relações com o Estado, etc.
- Conceito de Instituição: “conjunto de estruturas elaboradas através de uma constante atividade instituinte, que teria por objetivo preservar as finalidades que terapeutas conferem ao estabelecimento psiquiátrico: a) canalizar as trocas, os fluxos de informação e contatos, possibilitando a formação de vínculos transferenciais múltiplos, rompendo com o isolamento que caracteriza o manicômio tradicional. b) criar sistemas de medição através da quebra das relações imaginárias, da instauração da função de terceiro em todos os pontos da tessitura institucional.
- Propõe a equiparação entre a relação coletivo/grupos e indivíduos e a relação Outro/sujeito: a função de “analisador” não é fixa, pode ser exercida por qualquer membro ou grupo da instituição.

Para isso é necessário que o coletivo jamais se apresente como um Outro absoluto, uma maquinaria que por fim pudesse submeter as pessoas provocando a obturação do desejo, como acontece nos asilos clássicos. = Trata-se de abrir um espaço para a palavra do louco repensando o investimento social efetuado sobre o analista. Levar em conta o questionamento do estatuto que a sociedade confere ao louco. (p. 46)

- Os psicoterapeutas que optaram sair do espaço de isolamento técnico do analista tradicional para conviver com loucos numa instituição, tiveram que se defrontar com as realidades políticas das instituições, abrindo desta forma um rico campo de investigação sobre as relações entre inconsciente e instituição, desejo e história. (p. 47)
- Guattari em *Psicanálise e Transversalidade* estabelece as bases de uma nova disciplina, a ANÁLISE INSTITUCIONAL, que visaria precisamente estudar e intervir sobre as relações reais que os grupos sociais mantêm com as instituições. (p. 47). Este livro contém marcas de uma experiência analítica e política.
- Questões do Deleuze (prefácio): Como introduzir a política na teoria e prática psicanalítica? Seria possível introduzir a psicanálise nos grupos militantes? De que maneira conceber e formar grupos terapêuticos específicos, cuja influência reagiria sobre os grupos políticos e sobre as estruturas psiquiátricas e psicanalíticas? => questões que norteiam a discussão do campo da análise institucional na perspectiva desses autores.





- Mudança de perspectiva de Guattari sobre a análise institucional: ele parte do grupo, que toma como dado absolutamente prévio, lógica e metodologicamente, ao indivíduo, cuja constituição dele depende. “o grupo é depositário e enunciador de toda linguagem e de toda eficiência dos enunciados” (p. 48). Para ele, não existe o grupo real, independente das suas determinações concretas. Cada subjetividade grupal ganha sua consistência de certa ordem de fantasmas, interditos, resistências, do predomínio da pulsão de vida ou de morte na sua economia pulsional, etc.
- Conceito de transversalidade: tem a ver com a margem de abertura do grupo para outros grupos, ou outras séries sociais. Assim, um grupo pode ou não se tornar sujeito dos seus enunciados e práticas conforme o afinco com que procura perceber, na formulação do seu projeto e de sua lei, o entrecruzamento de redes significantes em que se situa. (p. 49)
- Conceito de FANTASMA, que a análise institucional toma emprestado da teoria lacaniana, e diz respeito a uma encenação imaginária, onde o sujeito está presente, que figura mais ou menos a realização de um desejo.
- Grupo-sujeito (abertos, confrontação com seu próprio sentido) X Grupo-submetido (fechado, se dobra sobre si mesmo, se imagina único e imortal).

Guattari abandonou a contraposição entre a primazia do simbólico no grupo e do imaginário no indivíduo, pois lembra um rousseaurianismo às avessas: o grupo nasce bom, o indivíduo o perverte (p. 52).

Nos grupos-submetidos, a fantasmaticização grupal tomaria predominantemente como suporte o próprio grupo, sob a forma de um líder que representaria um objeto instituído, pretensamente eterno (Deus, a Pátria, as tradições, etc). Ele serviria de tele de projeção, de ponto de convergência para o imaginário coletivo, num processo que levaria o grupo a se corporificar, a se territorializar.

Ao passo que o grupo-sujeito se estrutura como uma linguagem e se articula com o conjunto do discurso histórico. De modo que ele se caracteriza por não colar, não simbiotizar com a instituição. Posto que há entre eles um espaço de transição, um “vacúolo”(como chama Guattari). (p. 54) Conceito de objeto transacional de Winnicott: para pensar a gradual constituição em todo ser humano do vínculo simbiótico mãe-bebê, a existência de uma área que se situaria entre a alucinação oniponte e a percepção objetiva. Pensando para o caso da análise institucional e do grupo, o grupo-sujeito existiria então graças a esta zona intermediária de simbolização e produção, de questionamento do instituído, de formulação de alternativas, de transformação. Ao contrário do grupo-submetido que ficaria numa posição de demanda frente a um objeto instituído em que depositaria sua própria onipotência.

- O trabalho de Guattari funciona no limite do discurso psicanalítico uma vez que pretende conectar aparelho psíquico, instituição e história.

- TRANSVERSALIDADE: três linhas de reflexão:

1. Tentativa de articular desejo e história e questionar o recalcamento do político na psicanálise e a falta da subjetividade no marxismo e grupos revolucionários.

2. Conceito, a nível grupal, que representa o homólogo da castração individualmente, mas referido a uma estratégia política (não aos modelos míticos).

3. Tentativa de escapar ao fantasma que ronda os grupos revolucionários.

#### Texto 4

### **ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A DINÂMICA EM GRUPOS DE MULHERES “SADIAS” EM SITUAÇÃO DE GESTAÇÃO**

**Alicia Celia Cadermatori**

- A autora inicia o texto enunciando algumas definições:
  - Grupo: Uma visão – Entidade factual integrada por um conjunto de pessoas em torno de um objetivo específico. Outra visão: Instituição psicossocial articulada por máquinas desejantes em certas formações históricas.
  - Mulheres Sadias – Definição estatística ou valorativa que, entendida como histórica, qualifica o modo como os discursos populares ou científicos de certa conjuntura registram efeitos específicos do desenvolvimento das forças produtivas no plano da produção do bem-estar. Ou seja, como avaliar seu grau de saúde.
  - Situação de Gestação - Processo bio-sócio-desejante de produção de outros agentes bio-sócio-desejantes.
  - O trabalho sobre a transversalidade produtiva-desejante de um destes grupos homog neos oferece caminhos, vertentes, linhas de desbloqueamento e diversificação dos fluxos altamente viáveis pela confrontação de subjetividades. (p. 59)
  - Grupo de gestantes: ganha forma no projeto compartilhado, desconstrução de preconceitos de que a finalidade central da gestação deveria ser pessoal e privada. Visa reconstruir o modo de “ter filhos” ao mesmo tempo em que diminui a onipotência da maternidade.
  - A autora propõe a invenção constante de técnicas de convivência que surjam da própria dinâmica grupal, posta sob a orientação geral de desinstitucionalizar e relançar o processo na direção da busca por novos recursos próprios. (p. 60).
  - Desfazer dispositivos universais, como a instituição do que é ser-mãe, como se houvesse apenas uma única possibilidade para isso.
  - Intervens o proposta: inclui campo grupal ao mesmo tempo em que o decompõe. As participantes têm o direito, o dever e certos recursos para poder determinar em graus variáveis, simultaneamente a sua “posição” e a sua “velocidade”, ou seja, escolher seu papel de agente reprodutor ou transformador no processo de produção de homens. (p.62)

#### Texto 5

### **GRUPOS (FANTASMAS) NO HOSPITAL**

**Eduardo Losicer**

- O autor inicia o texto relatando um caso ilustrativo ocorrido num hospital entre um clínico e um profissional do setor de psiquiatria, que não está certo se era psiquiatra, psicólogo ou psicanalista. Do caso extrai a questão da relação entre a medicina e as práticas “psi”: conflitos entre tecnologias e técnicas de avaliação psiquiátrica/psicológica, diferença dos discursos.

- A prática da psiquiatria foi segregada paulatinamente na medicina, ficando confinada aos manicômios. E estes tem como efeito, isolar o doente mental da sociedade. (p. 65) “é como se a sociedade reconhecesse o doente mental como integrante do seu seio, acolhendo-o através da medicina, para terminar isolando-o no beco sem saída do hospício”.
- Os manicômios continuam existindo, mas algumas mudanças fazem com que apareçam alternativas das mais diversas nas últimas décadas, até a mais radical da “antipsiquiatria”.
- “o doente mental reclama por um novo lugar dentro da medicina, ou dentro da sociedade: mas, em qualquer dos casos, fora do manicômio”. (p. 66). E o autor aponta que evidentemente novos recursos de controle social surgem para conter essa fissura. Opções: o doente mental é capturado para o processo de produção (reintegração do desviado) ou é excluído definitivamente. Entrada das práticas “psi” pode se dar como mais um instrumento normatizador.
- O louco se transforma numa grande fonte de lucros: empresas se montam ao redor dessa “matéria-prima”, cuja administração é paga a altos preços pelo Estado (p. 68). – Indústria da loucura.
- Lugar da psicanálise: regulação de sua prática pelas Escolas, Associações e Círculos. Aplicação somente no âmbito privado, clássico do consultório. Possibilidade e enriquecimento: Ampliação de sua prática para instituições, trabalhos com grupos, hospitais públicos.
- Entendimento do grupo como um conjunto de pessoas que intervêm numa determinada cena, não só pelo contato factual e espacial, mas por possuírem uma dinâmica própria que o sustenta. (p. 71)
- Psicologia nos hospitais: tendência à redução da atuação do psicólogo como uma simples colaboração técnica (diagnósticos testes e tratamentos psicológicos). O psicólogo fica ameaçado em transformar-se num recurso que o médico administra. (p. 75) “o médico receita um psicólogo”. Assim, a própria divisão do trabalho não só se regula para fins operativos, mas também para fins defensivos. As hierarquias que dividem as equipes nestes casos legitimam uma relação de dominação e submissão.
- Conclui que as relações entre medicina e psiquiatria, do ponto de vista das instituições públicas, estão adquirindo nova fisionomia, particularmente desde que o manicômio público encontra-se praticamente condenado, ao tornar-se cada vez mais evidente a política repressiva na qual se sustenta, com suas consequências de isolamento e cronificação do doente mental.
- A criação de hospitais e institutos psiquiátricos montados sobre um novo esquema, que reflita uma nova concepção de saúde e enfermidades mentais, assim como o modo de trata-las, representa um grande avanço.
- Toma como objeto do texto mais especificamente os hospitais gerais, pois neles se revela com mais clareza os impasses na relação medicina e psiquiatria. Como pensar a inclusão dos casos psiquiátricos nos hospitais gerais.
- Aposta na adoção de um modelo de campo dentro do qual coexistam os interesses e conflitos institucionais e os desejos e conflitos inconscientes. Implementação de recursos que se adaptem à dinâmica do grupo.

## Texto 6

### PARA UMA REFORMULAÇÃO DA EXPERIÊNCIA GRUPAL

**Antônio Lancetti**

- Grande variedade de técnicas grupais. Segundo sua aplicação: podem ser grupos de diversos tipos, com inúmeros temas. Segundo sua teoria: psicanalíticos, psicodrama, gestálticos, etc.
- Transita numa crítica às ideologias grupais e à profusão de técnicas que esteja à serviço da reprodução ideológica.

- A IDEOLOGIA DE GRUPOS É INDIVIDUALISTA: Observa que um certo número de autores entende o processo grupal como um movimento para ‘o um’, indivisível, como se o grupo constituísse uma unidade. Em diversos momentos de seu corpus teórico, autores consideram o grupo como um paciente, constituindo o movimento conhecido como “psicoterapia do grupo”.

Cita o autor Bion: crença na existência de um núcleo psicótico central. As estruturas patológicas serão consequência dos “estereótipos do ego”-- Teoria da enfermidade única. Como diria Bion, “o indivíduo é um animal de grupo” (p. 85).

S.H. Foulkes e E.J. Anthony: psicoterapia psicanalítica de grupo. “Na psicanálise o paciente é o único indivíduo; em análise de grupo o paciente é um grupo de indivíduos. Disto se deduz que a análise de grupo deve corresponder, na prática, ao tratamento de orientação psicanalítica do grupo como um todo”. (p. 85)

Slavson considera a relação interpessoal como constitutiva do indivíduo humano.

Grinberg considera que os grupos humanos são átomos sociais e daí dar o grande salto sociológico.

Por esse motivo o autor denomina microsociologia o estudo do tipo de experiência de grupo que ele desenvolve. A prática grupal se torna um microscópio social.

Outra noção que a ideologia dos pequenos grupos difundiu é a de esteriótipo. Em todas as linhas isso é enunciado, inclusive nas dos grupos operativos. Mas fundamentalmente esta noção é central no psicodrama moreniano: colocando em cena seu conflito o cliente ilumina suas dificuldades e se desfaz de seus papéis doentios apreendendo novos modelos de comportamento. (p. 86)

#### ➤ A EFICÁCIA NOS GRUPOS: (p. 86)

- Nos grupos se operam modificações.
- Um dos poderes fundamentais é o catártico.
- Um dos artifícios principais é, através dos egos auxiliares, o ensino de modelos de comportamento.
- Instrumento Imagem de grupo: o grupo de faz interno, ou seja, o instrumento imagem de grupo conduz os participantes a acomodar-se às noções que eles mesmos ditaram. O verdadeiro sustento é feito pelos supostos básicos: de dependência, de ataque e fuga e de emparelhamento. (p. 86) (obs: Lancetti não explica cada um desses supostos, apenas enumera).
- A promoção imaginária: A vida nos grupos completa sua circulação mediante a ilusão que vão se fazendo de que seus integrantes vivem através dos mecanismos já descritos de um ego individual. Os egos se reconstroem, se fortificam, se descontraem, se unificam à luz do organismo totalizador grupal, se funde e no meio da festa imaginária se recolocam as neuroses sob a forma do melhoramento das relações interpessoais e a soltura do corpo na experiência corretora.
- CONSEQUÊNCIAS: crescimento das técnicas de trabalho com grupos, ideologizando essa prática e tamponando os espaços de questionamento. “o que se faz socialmente quando se instituem grupos?”, “o que faz a instituição “grupos” quando individualiza os grupos e grupaliza os indivíduos?”, sua resposta é que há uma obturação da função desejante do sujeito, e a produção daquilo que Guattari chamou de “grupos submetidos”. (p. 87)

- PROPOSTA: Crítica à prática ideológica sempre velada e tingida de cientificidade.

- Contribuição da análise institucional francesa
- A psicanálise, o materialismo histórico, a semiótica e a epistemologia materialista.
- Revisão dos textos sobre o aparato psíquico grupal (René Käs e Didier Anzieu).
- CONCLUSÕES (p. 88)

Reformular a experiência grupal significa inquietar-nos diante de práticas idealizadas, repensar o estar-em-grupo.

Estar em grupo supõe um limiar de castração em toda renúncia pulsional e confronta o sujeito à lei.

A circulação fantasmática na clínica grupal se dá num entrecruzamento de relações inter-subjetivas especulativas, a possibilidade simbólica seria a morte das imagens sempre articuladas transferencialmente com a dimensão institucional, operando relações de reconhecimento.

### Texto 7

O QUE SE PASSA NELES? O QUE SÃO?

**Roberto Fernando de Carvalho**

O objetivo do autor nesse texto é perguntar-se pelo que se passa, para formular sua hipótese sobre a natureza de um grupo humano. Por isso seu título parte propositalmente de interrogações, como ele mesmo inicia o texto explicitando. Utiliza como referência alguns artigos de J.B.Pontalis.

#### ▪ A TEORIA DOS GRUPOS

- Há um falso problema na definição do objeto dessa teoria, que é comum há toda teoria dos grupos.
- Impasses que enfrenta a teoria dos grupos: (1) sua relação com a ideologia; (2) sua incapacidade para resolver, tecnicamente e teoricamente, questões sobre a estabilidade dos resultados alcançados pelo grupo, sobre a sua eficácia.
- O estudo com grupos não é uma ciência depurada de ideologia, ao contrário, Pontalis vê a ideologia como um componente necessariamente presente na investigação sobre os grupos. (p. 91)
- Para Pontalis, a psicologia social é mal utilizada quando reduz a vida social à psicologia. Por isso, deve de início se perguntar sobre os pressupostos ideológicos, teóricos e técnicos das experiências de grupo. O apelo à experiência não deve servir de alibi destinado à tranquilizar o pesquisador sobre o que ele faz ao contrário a interrogação sobre seu papel e lugar não só é necessária como deve ser permanente. (p. 92)
- Segundo Pontalis, os determinantes que orientam o saber relativo aos pequenos grupos: (1) A orientação do conjunto das Ciências Humanas; (2) A orientação de uma sociologia ávida do estudo de grupos informais, democráticos e criadores; (3) A evolução da psicologia, do individual para o inter-pessoal; (4) A evolução de uma psicologia organizacional, encarregada de prover respostas para o desenvolvimento democrático e humano das empresas; (5) Fatores propriamente ideológicos, ligados à ideia de modificação das atitudes para facilitar a cooperação. (p. 93)
- Cabe pensar uma manipulação do saber pelos detentores do poder econômico (mais uma vez relacionado aos conteúdos ideológicos).

- Acreditar que a psicanálise está imune aos componentes ideológicos já seria sucumbir a eles. Nem a psicanálise, nem a teoria dos grupos, estão – quanto a sua origem e desenvolvimento- acima de suas determinações histórico-culturais.
- Pontalis: “os melhores grupos são aqueles que ocorrem alguma coisa, mesmo que provocada”. (p. 94)
- Para Pontalis, a diversidade de enfoques sobre grupos é positiva somente na medida em que traduz a complexidade do campo, por outro lado, reflete também que a escolha por cada abordagem do problema diz respeito à preferência de cada pesquisador em relação a determinado vocabulário ou instrumental teórico. (p. 94)
- Ainda Pontalis: Há uma notável convergência entre as diferentes técnicas de grupo, quanto à função do grupo, ao papel do monitor, à maneira pela qual se apresentam os processos em questão, e ao benefício que delas se espera. O vocabulário muda o aparato teórico, mas “a teleologia permanece a mesma”. (Nota explicativa: teleologia- do grego τέλος, finalidade, e logía, estudo, logo é o estudo filosófico dos fins, do propósito, objetivo ou finalidade).

#### ▪ CRÍTICAS À PSICOSSOCIOLOGIA

##### 1. Com relação ao método ou à técnica: (p. 95)

- a) generalizações (importância de contextualizar abstrações);
- b) ajustamento (naturalização de ideais a serem alcançados);
- c) otimismo cooperativista (importância de estar aberto aos conflitos);
- d) ênfase excessiva em modelos abstratos;
- e) idealização da cura (será esse o objetivo final do processo? Do que trata?);
- f) a técnica como proteção (mesmo sendo necessária, deve ser rigorosa sem ser rígida);
- g) a técnica como manipulação (qual é o lugar do terapeuta?)

##### 2. Com relação ao caráter terapêutico do grupo: (p. 98)

- a) Ambiguidade entre terapias individuais em grupo ou terapias do grupo;
- b) Catarse coletiva (crença de que a experiência catártica adquire valor curativo);
- c) Evitação da transferência (diluição do fenômeno transferencial, que se torna transferência do grupo);
- d) Aproximação de uma psicologia do ego (o terapeuta, no manejo do grupo, aproxima-se de um modelo a ser copiado).

##### 3. Com relação à natureza dos fenômenos de grupo: (p. 100)

A existência de laços libidinais no grupo significa que ele é um espaço terapêutico? Determinar a função que o grupo vem sustentar na estrutura da psique, ou seja, os efeitos da existência social do indivíduo.

- Bion qualifica de fantasma a crença na existência de um grupo como realidade transcendente aos indivíduos. Capaz de acarretar o que chamou de despersonalização. O fantasma é uma certa realidade estruturada, que age, capaz de informar não apenas imagens ou sonhos, mas todo o campo do comportamento humano. (p. 101)
- Bion: Clivagem que faz o grupo com relação ao seu líder em “objeto bom” (que se deve conservar, mesmo pagando o preço da inibição e da apatia, para que se obtenha a integração do grupo), “objeto mau”, perseguidor, precipitador da angústia.

- **CONCLUSÕES:** (p. 103)

- É às técnicas psicoterápicas que se destina a maior parte das presentes conclusões.
- A dificuldade maior advém da metáfora da técnica, em que há um deslizamento em que ora se trata do sujeito e de desejo, ora emerge o grupo.
- A intervenção terapêutica padece de uma ambiguidade estrutural, que torna o terapeuta uma espécie de aprendiz de feiticeiro benigno.
- Dois níveis em que se pode captar a experiência psicoterápica: um registro individual, do desejo, do fantasma; e um registro social, na medida em que cada sujeito é compreendido como emergente da totalidade grupo.
- Desenvolvimentos mais recentes sobre os grupos: (p. 105)
  1. Pichon-Rivière: verticalidade (dimensão pessoal do que é expresso por um membro do grupo); horizontalidade (dimensão grupal do enunciado, contexto em que ocorreu). A interpretação deve ocupar-se primeiro do vertical para, em seguida, revelar como ele se insere no contexto grupal (revelado pelo porta-voz);
  2. Guattari: transversalidade (de um lado, refere o grupo ao seu contexto sócio-político-ideológico-econômico-sexual e, de outro, aponta a incidência do significante social em todos os momentos e níveis da existência individual)
  3. Didier Anzieu: inconsciente como instância essencial de qualquer grupo. Ressalta a importância de conhecer os “organizadores” do grupo (eixos de compreensão contextual do grupo). O grupo é, para ele, uma realização imaginária do desejo. A ação no grupo é construída por deslocamentos, condensações e simbolizações do desejo. É o lugar de transgressão do proibido.
  4. Deleuze e Guattari: consideram que todo inconsciente é grupal e deve ser considerado em sua existência política.

## **Texto 8**

### **SÍNTESE CRÍTICA DA TEORIA DOS GRUPOS EM GEORGES LAPASSADE**

**Priscila Melillo de Magalhães**

- **PRINCIPAIS TESES DE LAPASSADE**

## 1. A dialética dos grupos, organizações e instituições

- Há uma relação de interdependência entre os conceitos de grupo, de organização e de instituição. (p. 108)

- O primeiro nível é o do GRUPO: unidade de base da vida cotidiana (ex: as oficinas, escritório, a família, a escola...). É nesse nível que se situa a prática socioanalítica e a intervenção. Já existe a Instituição: horários, ritmos, normas de trabalho, sistema de controle cuja função é manter a ordem, organizar o aprendizado e a produção. Na base da sociedade, as relações humanas são regidas por instituições: sob a superfície das relações humanas há relações de produção, de domínio, de exploração. (p. 109)

- O segundo nível é da ORGANIZAÇÃO: grupo de grupos, que constitui a mediação entre a base (sociedade civil) e o Estado. (ex: fábrica, indústria, empresa, universidade, etc.). Nível de organização burocrática.

- O terceiro nível é o da INSTITUIÇÃO: É o nível do Estado que faz a Lei e confere às instituições força de lei. O que institui está do lado do Estado, no topo do sistema. A base é instituída pela cúpula. Quando se suspende a repressão da cúpula sobre a base, liberta-se a palavra social, torna-se possível a criatividade coletiva.

- Lapassade: “O sentido do que se passa nos grupos humanos não devem ser buscadas apenas no que aparece no nível visível, do que se chama a dinâmica de grupo. Há uma dimensão oculta, não analisada, e, portanto, determinante: a dimensão institucional” (p. 109) – (obs.: Normas, estratégias de controle, disciplina).

- Propõe, em 1963, chamar de Análise Institucional o método que visa revelar, nos grupos, esse nível oculto de sua vida e de seu funcionamento. A dialética dos grupos tem para Lapassade sua base na fenomenologia de Hegel e na Crítica da razão dialética de Sartre. (p. 110)

- A vida do grupo constitui-se de uma tensão permanente entre dois pólos extremos: serialização e totalização. (a série é uma forma de coletivo que recebe sua unidade a partir do exterior. Um conjunto humano sem unidade interna, como por exemplo, um conjunto de pessoas dentro de um ônibus). O grupo se constitui em oposição à serialidade, quando a necessidade individual é sentida como necessidade comum. A totalização se constitui, portanto, na quebra da serialização, quando o grupo se funde. (p. 110)

- Quando não há mais objetivo a atingir, o grupo se dispersa e morre – contra isso, o grupo se defende pelo juramento, que é a aparição de um estatuto de permanência no grupo. E a partir da organização que se pode falar verdadeiramente de grupo. Esta é definida como a operação do grupo sobre si mesmo: sinônimo de distribuição de funções e tarefas. O grupo organizado funda sua estabilidade sobre uma reciprocidade de pessoas comprometidas, mas há sempre um perigo de dissolução do grupo. Contra a separação, a dissolução na série, o grupo institui o terror: “grupo-terror” provoca a passagem da organização à instituição.

- A prática de grupo se transforma em instituição quando o grupo se torna impotente para modifica-las sem subverter a si próprio. Na instituição as tarefas e funções cristalizam-se em obrigações. Surge a figura do poder, a autoridade de comando. O consenso entre o grupo se torna desnecessário, visto que já está tudo estabelecido. Instaura-se a burocracia e o grupo perde a vida e volta à serialização. (p. 111)



## 2. Burocracia x Autogestão

A questão dos grupos, organizações e instituições é colocada por Lapassade dentro do desenvolvimento do capitalismo de organização, que se divide em três fases (A, B, C), seguindo o modelo de Turaine. (p. 112)

FASE (A): Sociedade industrial e capitalista do século XIX.

Surgimento das primeiras grandes doutrinas sociológicas e políticas da nova sociedade. São elas:

- Fourier (visto como o precursor da psicossociologia dos pequenos grupos e das técnicas de grupo).
- Proudhon (critica a utopia de Fournier por pretender transformar a sociedade a partir de pequenos grupos. Para provocar mudança é preciso agir simultaneamente sobre o conjunto e sobre cada parte do corpo político. Autogestão social, sistema generalizado e descentralizado dos grupos).
- Saint-Simon (visto como representante de uma corrente tecnocrática. Substituição dos “políticos” pelos “gerentes”).
- Comte (para Lapassade, possui caráter positivista, conformista e anti-revolucionário).
- Marx (Importância dada à discussão, autoformação do proletariado, consciência social e crítica das ideologias). Pregava a autogestão dos trabalhadores como base do sistema social a se instalar.

FASE (B): A partir do século XX, surgimento das grandes empresas industriais.

O autor ressalta a burocratização das empresas industriais, expressa e justificada pelas teorias clássicas da organização (Taylor e Fayol), e o aprofundamento da alienação do trabalho operário pela mecanização do trabalho. A principal descoberta da psicossociologia industrial foi a existência de laços informais dentro da organização formal e burocrática. Para Lapassade as tarefas do psicossociólogo seriam: encontrar a relação entre o formal e o informal, entre organização e motivação e modernizar a burocracia.

FASE (C): Relacionada ao progresso técnico. Desenvolvimento da automação, transformações das indústrias modernas e formas modernas de gestão. A burocracia gestonária da fase C perde sua rigidez, busca a participação: surgimento da nova classe operária que reivindica a responsabilidade da gestão.

- Sobre a burocratização da sociedade, Lapassade considera: (p. 115, 116 e 117)

- A burocracia é um problema de poder: apropriação da organização por uma classe dirigente.
- É um fenômeno de reificação: estrita definição de papéis (alienação)
- A decisão burocrática é obscura, as decisões são anônimas, não existe feed-back, existem porta-vozes, mas não se escuta o que diz a sociedade como um todo.
- O burocratismo apoia-se numa pedagogia: dominação daqueles que possuem o saber e que ocupam o topo da hierarquia. Os que não detêm o saber não participam das decisões.
- As técnicas burocráticas da formação contribuem para desenvolver o conformismo.
- A burocracia é fonte de comportamento desviante, grupos fragmentários e informais.

- A organização passa a ser um fim em si mesmo e não somente um meio.
- A burocracia recusa a mudança e a história, tende a preservar seu ser, sua estrutura, mesmo quando não se adaptam mais à realidade social.
- A burocracia desenvolve o carreirismo: concepção burocrática de profissão.

### 3. Evolução da noção de instituição e das formas de intervenção

- Instituição: noção central para Lapassade. Definida como “forma que assume a reprodução e a produção de relações sociais num dado modo de produção”. (p. 118), e ainda como “inconsciente político da sociedade” (na p. 120).

- 3 momentos teoricamente articulados (seg. Castoriadis):

- 1) Instituído (burocracia, acabado ou cristalizado);
- 2) Instituinte (ação dinâmica e transformadora das massas contra a ordem instituída);
- 3) Institucionalização (formas sociais institucionalizadas são resultantes da luta entre instituído e instituinte, identificadas com a racionalidade e funcionalidade).

- Objetivos da Análise Institucional: deve procurar explicar o desconhecimento pelos seus membros do sentido estrutural de seus atos, de suas motivações, opções, preferências, no desconhecimento de sua posição de classe. (p. 119). Libertando as forças criativas e espontâneas do instituinte, através da introdução de práticas auto-gestionárias. Ainda tem como objetivo a análise da “transversalidade” no grupo e a elucidação da “transferência institucional” (p. 121).

- Objeto da Análise Institucional é o conflito, a luta entre instituído e instituinte (considerada como o centro de todo movimento revolucionário e de transformação radical das instituições).

- Ideia central de autogestão: liberação efetiva das forças instituintes.

## Texto 9

### **DIDIER ANZIEU: NOTAS PARA UMA LEITURA DE SUA TEORIA SOBRE GRUPOS** **Diana Laura Salzman**

- Compreensão psicanalítica de grupo. Parte da idéia de que em toda situação grupal os processos e instâncias psíquicos são os mesmos que na individual, mas com princípios de funcionamento diferentes.
- Recorre à 1ª tópica para compreensão dos grupos: grupo como realização imaginária dos desejos (como o sonho). Grupo é o lugar do perigo (pulsão), da transgressão “autorizada”. Nele as ações correspondem aos deslocamentos, condensações e figurações simbólicas do desejo. Lida com fantasmas inconscientes e com as mesmas pulsões que o sonho (libidinais e agressivas).
- Vida psíquica do grupo – 3 organizadores: (p. 128)
  1. Fantasma individual prevaiente de um dos membros;
  2. Imagem parental dos integrantes;
  3. Fantasmas originários.

- Dando continuidade à sua compreensão sobre os grupos, Anzieu recorre à 2ª tópica: o ego sente o risco de perder-se e decompor-se nas pessoas do grupo; a pluralidade de indivíduos evoca a diversidade de pulsões (id); superego: funções de controle e censura. Sem a censura, o grupo funcionaria na ordem da ilusão (artística, religiosa, filosófica).
- ILUSÃO GRUPAL: A ilusão grupal provém da substituição do ego ideal de cada um pelo ego ideal comum (p. 129). Estado psíquico particular tanto em grupos naturais quanto nos terapêuticos e formativos, um “sentir-se bem juntos”, fase inevitável de todo grupo.

Explica a partir das quatro perspectivas da psicanálise: (p. 129-130)

1. Ponto de vista dinâmico: responde a desejo de segurança, preservação da unidade do grupo, desloca a ameaça ao narcisismo individual e responde instaurando o narcisismo grupal.

2. Enfoque econômico: defesa contra a angústia paranóide comum, transferência positiva.

3. Ponto de vista tópico: é a imagem, o modelo de onipotência narcisista com o qual o sujeito procura manter uma relação de identificação primária (com a mãe).

4. Ponto de vista genético: situação grupal provoca regressão ao estágio oral.

- Processos inconscientes são os mesmos para os grupos terapêuticos, de formação e naturais (grupos de tarefa ou operativos); o inconsciente é a instância essencial de qualquer grupo que expressa os diversos níveis de determinação da vida social, como a noção de “organizadores”. (p. 131)
- Como psicanalista grupal, Anzieu considera que há organizadores propriamente psíquicos no indivíduo, nos grupos e na sociedade. A vida coletiva resulta de uma multiplicidade de organizadores: demográficos, geográficos, políticos, históricos, econômicos, psicológicos.
- Uma das metas da formação psicológica dos adultos é fazê-los conhecer seus organizadores psicológicos, que pressupõe admitir o pluralismo de determinações em jogo na vida social. A formação está a serviço da identidade, integridade, liberdade, e não de partidos e instituições.
- □GRUPOS DE FORMAÇÃO: Seria em algum momento do seu desenvolvimento objeto transicional comum do coordenador e seus membros, espelho possível do inconsciente do monitor, para posteriormente passar a significar no grupo uma nova referência identificatória que o substitua (p. 132).
- Psicanálise institucional: encontrar os modos específicos de organização fantasmática nas instituições sociais. Cada realidade deve ser estudada segundo sua própria ordem, sem psicologizar a vida política, econômica e social.
- Em Totem e Tabu, Freud nos mostra que por intermédio do inconsciente a humanidade transmite suas leis sociais. Compreende-las é compreender como funcionam as ideologias, como adquirimos e vivemos as leis, qual a representação da sociedade, como se reproduz cultura (p. 133)
- Seguindo a análise de Leon Rozitchner, a psicologia não é social pelo número de pessoas, o que importa não é a relação que o indivíduo mantém com a totalidade, mas sim as mediações entre a totalidade do social e o indivíduo, entre o que um expressa, significa, representa no todo. O importante é o campo simbólico que o social abre no individual (p. 134). Níveis de organização em que se manifestam estas relações:

1. Narcisismo ou autismo – influencia de outras pessoas ou prescinde da pessoa objeto de seu amor em absoluto.

2. Relações parciais com o todo, onde o indivíduo aparece em relação atual com seus pais, a pessoa objeto de seu amor.

3. Relações com as formas sociais mais amplas – tribo, povo, classe social, casta, instituição.

### Texto 10

#### CONCEITO DE GRUPO EM GRINBERG, LANGER E RODRIGUÉ

Maria Beatriz Sá Leitão

- Importantes psicanalistas que foram responsáveis por formar primeiros terapeutas de grupo na América Latina. Proposta teórica: rever conceitos já formulando enfocando o grupo de forma distinta das anteriores. (p. 137)
- Grinberg, Langer e Rodrigué consideram que a psicanálise contribuiu para a solução do dualismo indivíduo-sociedade. Constatação da importância do “meio-ambiente” (participação dos fatores históricos na estruturação da personalidade) para o desenvolvimento do sujeito e a introdução do modelo teórico do superego. (p. 138)
- Os autores afirmam que a psicanálise inaugura uma relação bi-pessoal tendo em vista os aspectos transferenciais: o paciente que experimenta emoção e o analista a quem essa emoção é dirigida.
- Distinguem dois métodos psicológicos: o pessoal (introspectivo, relacionado à compreensão intelectual-consciente), e o psicanalítico bi-pessoal. Colocam a psicoterapia de grupo como uma terceira proposição desenvolvida a partir das noções da psicanálise e da sociologia e que se ocuparia das relações multipessoais grupais. (p. 139)
- O grupo psicológico é aquele no qual seus membros estabelecem uma interação precisa e sistemática. “As pessoas se conhecem e se identificam, possuem uma percepção coletiva de sua unidade”. A estruturação e organização desse grupo se dão pela convivência, o grupo é vivido como um contexto. (p. 139)
- Os mesmos elementos levados em conta na psicoterapia individual são considerados no grupo:
  - i. Interpretação no grupo: muito mais ligada aos papéis representados do que aos próprios sujeitos, a articulação desses papéis constituiria a fantasia básica inconsciente de grupo.
  - ii. Atuação terapêutica de grupo: quando os sintomas são suprimidos e é facilitada a adaptação e integração do grupo na sociedade.
- O grupo cria um sistema de papéis e em cada um deles condensam-se estereótipos (expectativas, necessidades e crenças irracionais).
- Os autores fazem referência a seguinte literatura sobre psicoterapia de grupo: (p. 140)
  - i. Schilder: centra processo terapêutico na obtenção do insight. Crítica dos autores aos aspectos diretos de sua proposta e à consequente dificuldade de obter associação livre no grupo.
  - ii. Slavson: considera a terapia de grupo “analítica”, porque o método seria similar à psicanálise individual. Os autores vêm nessa visão um enfoque estático de grupo.
  - iii. Foulkes: autor importante pela sua concepção de grupo como um todo social, mais do que a soma das partes.

iv. Bion: interpretação dos emergentes do grupo como ‘acontecimento global’. Questionam, por outro lado, as conclusões de Bion sobre a linguagem simbólica do grupo, sobre a restrição das possibilidades interpretativas.

- Distinguem três modelos de psicoterapia de grupo:
  - i. Pelo grupo: influência das emoções coletivas sobre os indivíduos
  - ii. No grupo: psicoterapias (interpretações) individuais em grupo
  - iii. Do grupo: grupo como unidade dinâmica totalizada, complexa interação de forças.
- Grinberg, Langer e Rodrigué recomendam uma participação ativa do psicoterapeuta e a interpretação sistemática das fantasias inconscientes, em função dos papéis vividos pelo grupo. (p. 141)
- GRUPO TERAPÊUTICO: se constituiria por sujeitos que se reúnem em comum acordo, compartilhando normas e com o objetivo de cura. RESTRIÇÕES: (1) casos de depressão grave e das personalidades psicóticas; (2) limites para a cura, em função das características institucionais.
- Questão da demanda: entendendo que o trabalho com grupos é uma ação social, seria necessário estender os recursos psicanalíticos a um maior número de pessoas. (p. 142)
- O psiquismo, é verdade, contém um modelo grupal, mas as leis de funcionamento de grupo não são as mesmas daquelas existentes no sujeito.
- Rodrigué propõe o desenvolvimento de um perfil de analista de grupo capaz tanto de teorizar seu trabalho como de usar técnicas corporais.
- Todos os seguimentos da sociedade são abordáveis em termos psicanalíticos e todas as instituições objeto de intervenção, pois todos eles possuem uma determinação inconsciente (p. 143).

## Texto 11

### BION: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DOS GRUPOS

**Maria Beatriz Sá Leitão**

- Bion supõe que todo conhecimento se origina em experiências primitivas de caráter emocional, em relação à ausência do objeto. (p. 148)
- Bion distingue dois significados da terapêutica de grupos: (1) catarse da confissão pública. (2) possibilidade de se adquirir conhecimento dos fatores que contribuem para o que chamou de “bom espírito do grupo”, que ocorre quando há um propósito comum (nutrir um ideal) e o reconhecimento por parte do grupo de seus limites. (p. 149)
- **IMPORTANTE PARA UM BOM RESULTADO DO GRUPO:**
  - Manter sua identidade grupal, aliada a maior flexibilidade.
  - Reconhecer o valor dos subgrupos e os limites destes
  - Valorizar os membros
  - Não exclusão do campo social onde o grupo se insere, quando se pretende uma análise psicopatológica das relações grupais.

- O objeto de estudo dos grupos é a investigação dos fenômenos que produzem perturbações no comportamento dito racional do grupo.
- MENTALIDADE GRUPAL: fenômeno em que o grupo constitui um vínculo através do qual os sujeitos expressam anonimamente impulsos e desejos que pretendem satisfazer, mas pelos quais não querem assumir a responsabilidade. (p. 150)
- NOÇÃO DE CONTRADIÇÃO DE UM GRUPO: refere-se ao homem enquanto “ser político”, que precisaria do grupo para a realização da vida mental. O sujeito estaria esperando chegar, através do grupo, a uma vida plena. O grupo fracassa como lugar de satisfação das necessidades do indivíduo, sendo então desafiado pela “mentalidade grupal”.
- O grupo, segundo Bion, tende a constituir-se com líder e seguidores. O líder responderia na fantasia grupal ao elemento que iria atender a cada necessidade individual. (p. 151)
- Elementos subjacentes à cultura de um grupo: conjugação, luta e fuga, dependência. Todos pressupõem a existência de um líder.
- Valência: capacidade do sujeito combinar-se com outros, segundo os pressupostos básicos acima destacados.
- Grupo de dependência: quando predomina no grupo o pressuposto de dependência. Jogo em que o terapeuta é o líder revestido de poderes mágicos e onipotentes, que irá satisfazer todas as necessidades e desejos do grupo. Predomina a culpa e a depressão.
- Grupo de luta e fuga: baseia-se na convicção de que existe um inimigo e que é necessário atacá-lo ou fugir dele. Ocorreria o receio do grupo de se constituir como tal e o perigo de morrer uma vez que construído. Predomina a ira e o ódio.
- Grupo de conjugação (ou acasalamento): contém a esperança de vir a ter um salvador. Ideia de futuro para o grupo.

O pressuposto básico manifesto num grupo é sempre inconsciente e todos estão sempre presentes, alternando-se (p. 152). A sociedade seria um grande grupo que também apresentaria os mesmos fenômenos. As organizações e instituições constituiriam subgrupos que teriam a função de conter e instrumentar os pressupostos básicos. Exemplos: Igreja - pressuposto de dependência. Exército - pressuposto de luta e fuga. Aristocracia - pressuposto de conjugação. (p. 153)

A psicanálise enquanto instituição poderia ser considerada como grupo de acasalamento ou conjugação. (p. 154)

- Assim, o pressuposto de luta e fuga facilitaria a análise da situação de grupo frente ao momento de organização e tarefa. O pressuposto de dependência poderia referir-se à relação do grupo com a instituição que promove a análise. O pressuposto de acasalamento, por fim, enfatizaria a relação grupo-analista. (p. 156)
- Ilusão da individualização: a organização totalizadora grupal promove uma reunificação de sujeitos que visam facilitar as relações entre si, através da aprendizagem de novos comportamentos. O grupo passa a ser um, porque é visto como se fosse um sujeito. Todos se enquadram em uma norma possível de funcionamento, a partir dos pressupostos básicos (p. 157).

## Texto 12

### O GRUPO, COMO O ENTENDE BAULEO

#### Dionysia Rache de Andrade

- Bauleo se situa entre os mais expressivos discípulos de Pichon-Rivière. Fez parte do grupo Plataforma, que se separou da Associação Psicanalítica Argentina, em 1971. Seu enfoque se remete à conexão marxismo-psicanálise, e a juntar pensamento e ação. (p. 159) Seu pensamento remete a uma práxis.
- Aspectos mais importantes da abordagem de Bauleo (p. 160):
  - Abordar o grupo operativo de uma maneira mais extensa entendendo-o como um lugar de “aprender a pensar” e da rejunção afeto e racionalidade.
  - Compreender psicologia social como a ciência responsável por fornecer materiais que possibilitem a transformação do sistema vigente.

A PSICOLOGIA SOCIAL: seu objeto, evolução e aspectos ideológicos

O enfoque sociológico aborda o grupo como elemento de uma estrutura maior. A versão da psicologia atenta ao indivíduo dentro do grupo, e a psicologia social procura ver o grupo sem reduzi-lo a aspectos psicológicos ou sociológicos (p. 161).

À psicologia social corresponde dar conta do sujeito no grupo simultaneamente ao modo de produção e classe social. Isto é, falar das inter-relações individuais num dado momento histórico-social (p. 162).

Quando institucionalizada, a psicologia social definia-se como “ciência da interação”, discutindo a predominância do indivíduo ou da sociedade sobre o fato social. Seu objeto era bastante amplo, podendo falar sobre grupos, instituições, liderança, psicose coletiva.

Paralelamente, outra psicologia social, “clandestina”, se desenvolvia: relação possível entre psicanálise e materialismo histórico. Objeto: os mecanismos ideológicos. A família, a escola, a comunicação de massas, entre outros, fornecem o alimento ideológico as sociedade (p. 163).

CONCEITUALIZAÇÃO DE GRUPO: sua estrutura e dinâmica. As possibilidades do grupo contra-institucional (o grupo desafio)

A conceitualização do grupo remete a duas situações: conjunto de pessoas reunidas e o resultado do emprego de determinadas técnicas para esclarecer problemas. Sua estrutura é uma representação grupal onde se cruzam muitas representações ou imagens individuais e que explica porque os sujeitos se relacionam de tal ou qual jeito. A constituição da estrutura imaginária vai permitindo estabelecer-se no grupo o clima de pacto, de segredo, além de responder pelo latente grupal.

O GRUPO OPERATIVO: O grupo operativo é um grupo de aprendizagem. É um novo espaço didático. O que implica falar em informação (que leva em conta o contexto sócio-econômico-cultural em que a aprendizagem se desenvolve), emoção e produção: giram em torno da ideia de mudança. (p.166)

- Passa por três fases: (1) indiscriminação: situação nebulosa em que objetivos, tarefa e papéis não estão claros; (2) diferenciação: esclarecimento dos papéis; (3) síntese: momento de produtividade, de insight. (p.167)
- O vínculo com o coordenador com o grupo envolve duas situações importantes: a apropriação do produto e a problemática do luto. Isso porque o coordenador deve saber que o grupo não é de sua propriedade, ele o funda, mas desde esse momento deve começar a separação do grupo, deve começar a elaborar sua perda (p. 167). Se este sabe que não tem um vínculo eterno com o grupo, o resultado é uma assimetria sem autoritarismo (pautada na realização de funções específicas e não decorrente de um saber-poder, p. 168).
- Dicotomia que o grupo operativo pretende eliminar entre razão e afeto.

### Texto 13

#### O GRUPO OPERATIVO DE PICHON-RIVIÈRE

##### Guia terminológico para construção de uma teoria crítica dos grupos operativos

Osvaldo I. Saidon

- Neste texto o autor se propõe procurar através das palavras, encontrar ideias, fatos que nos permitam compreender a organização da técnica de grupos operativos. A teoria e técnica de grupos operativos foi desenvolvida por Enrique Pichon-Rivière. O fenômeno disparador da técnica de grupos operativos foi desenvolvido após uma greve no hospital psiquiátrico De Las Mercedes, em Rosario. Para superar aquela situação crítica, Pichon-Rivière colocou os pacientes menos comprometidos para assistir aos mais comprometidos. Observou que ambos os subgrupos apresentaram significativas melhoras de seus quadros clínicos.
- O processo de comunicação estabelecido entre os pacientes e a ruptura de papéis estereotipados – de cuidado para quem cuida - foram os elementos referenciais do processo de evolução desses enfermos. Intrigado com esse resultado, Pichon-Rivière passou a estudar os fenômenos grupais a partir dos postulados da psicanálise, dos estudos da sociologia americana sobre os pequenos grupos como a teoria de campo de Kurt Lewin e a sociometria moreniana e de George Mead e da teoria de Comunicação e Interação (em psicologia familiar e social). Esta epistemologia convergente (convergência das teorias) constituiu-se nos fundamentos da teoria e técnica de grupos operativos – na construção de um instrumento único: Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO).
- Confusão em relação aos grupos operativos: utilização desta técnica de um modo primitivo e à falta de um aprofundamento adequado sobre suas bases teóricas. (p. 169)
- Grupo operativo: técnica de trabalho com grupos cujo objetivo é promover, de forma econômica, um processo de aprendizagem. Aprender em grupo significa uma leitura crítica da realidade, uma apropriação ativa desta realidade. Uma atitude investigadora, na qual cada resposta obtida se transforma, imediatamente, numa nova pergunta. Aprender na teoria pichoneana é sinônimo de mudança e está ligado tanto à teoria de regressão e da fixação libidinal, quanto à transferência. (o indivíduo resistente à mudança regressaria a comportamentos próprios da etapa libidinal onde estaria fixado – substitui o conceito de instinto por necessidade não satisfeita). (p. 183)
- Vínculo: estrutura psíquica complexa. Tem um caráter social, pois compreende que, mesmo quando duas pessoas se relacionam, há entre elas outras figuras internalizadas, que estão presentes nessa relação, tendo dessa forma uma estrutura triangular, bi-corporal e tri-pessoal. (p. 184-185)



- Todo vínculo é bi-corporal e tripessoal: há a presença sensorial corpórea de duas pessoas: Bi-corporal; mas há um personagem do mundo interno, que está sempre interferindo nessa relação (em toda relação humana), que é o terceiro – estrutura que rege todas as relações humanas: um mundo interno em contínua interação, origem de fantasias inconscientes.
- Estrutura Triangular: há sempre alguém na mente de um ou outro que está olhando, vigiando e corrigindo; algo que funciona como uma escala de valores onde a sinalização é interna e determina que a comunicação seja distorcida (expressa os transtornos e dificuldades do grupo para enfrentar a tarefa).
- Vínculo: processo motivado que tem direção e sentido, isto é, tem um porquê e um para quê. Identificamos se o vínculo foi estabelecido, quando somos internalizados pelo outro e internalizamos o outro dentro de nós. Quando ocorre uma mútua representação interna. Quando a indiferença e o esquecimento deixam de existir na relação, passamos a pensar, a falar, a nos referir, a lembrar, a nos identificar, a nos interessar, a competir, a discordar, a invejar, a sonhar com o outro ou com o grupo.
- Cada pessoa se relaciona de acordo com seus modelos inaugurais de vinculação, de acordo com suas matrizes de aprendizagem, e tende a reeditar esse modelo em outras circunstâncias, sem levar em conta a realidade externa, o inusitado, repetindo padrões estereotipados, resistindo ao novo.
- Estrutura e dinâmica grupal: inspirado pelo estruturalismo genético (Marx e Goldman) – todo comportamento tem um caráter de estrutura significativa e que o estudo positivo de “todo comportamento humano consiste no esforço por fazer acessível esta significação”.
- Enfoque determinista-dialético: as estruturas constitutivas do comportamento não são dados universais, mas fatos específicos nascidos de uma gênese passada em situação de sofrer transformação que perfila uma evolução futura.
- Postulado básico da teoria da enfermidade mental: toda conduta desviante é resultante de uma leitura distorcida da realidade – perturbação no processo de aprendizagem da realidade; déficit de comunicação.
- Conduta passa a ser definida como uma estrutura, como um sistema dialético e significativo, em permanente interação. A inclusão da dialética amplia a definição de conduta para, não apenas estrutura, mas estruturando, como um sistema de interação: interação dialética, modificação mútua, inter-relação intra-sistêmica e intersistêmica. Repercutem nos critérios de saúde/doença, normalidade/anormalidade – que serão situacionais e relativos.
- Configuração da estrutura: A definição de estrutura como unidade múltipla, normal ou patológica, remete aos princípios: (p. 185-186)
- Da policausalidade: fatores que intervêm nos processos de aprendizagem: (1) Constitucional – genótipo e fenótipo (código biológico); (2) Disposicional – fixação da libido (Freud); (3) Atual ou desencadeante – privação, perda, frustração (inibição do aprendizado e regressão ao fator disposicional).
- Da pluralidade fenomenológica: áreas de expressão da conduta; campo projetivo onde o sujeito coloca seus vínculos no inter-jogo mundo int. e contexto ext.: Mente, Corpo, Mundo externo

- Continuidade genética e funcional: núcleo patogênico central de natureza depressiva (enfermidade básica) e instrumentação através das técnicas defensivas características da posição patoplástica ou funcional (pos. esquizoparanóide de M. Klein). Bloqueio das emoções e da atividade da fantasia.
  - Teoria da depressão básica de Pichon: situação depressiva é o fio condutor para o adoecer.
  - Proto-depressão: 1ª perda (bb ao sair do ventre);
  - Posição depressiva do desenvolvimento: luto, perda;
  - Depressão de começo ou desencadeante: período prodrômico (inicial) de toda doença mental emergente em situação de perda;
  - Depressão regressiva: regressão aos pontos disposicionais (depressão infantil);
  - Depressão iatrogênica: estereotipia dos mecanismos da pos esquizoparanóide a um momento depressivo, no qual o sujeito pode alcançar uma integração egóica, do objeto e vincular.
  - Mobilidade das estruturas: técnica de manejo das ansiedades básicas.
- O grupo operativo é composto por:
- Integrantes: entram em tarefa por meio de um disparador temático, a partir do qual, o grupo passa a operar ativamente como protagonista. O grupo deve saber, a priori, as normas básicas do funcionamento do grupo. Local, horários, coordenador e observador. Esses limites funcionais constituem-se no enquadre grupal.
  - Coordenador: é se sua competência facilitar o processo, na medida em que cria condições para comunicação e diálogo e auxilia o grupo a elaborar os obstáculos que emergem na realização da tarefa.
  - Observador: é um co-pensador silencioso, que por sua distância ótima do grupo, tem uma percepção global do processo. Registra, graficamente, as comunicações verbais e gestuais dos integrantes e do coordenador, a fim de auxiliá-lo na elaboração da crônica devolutiva do trajeto percorrido pelo grupo.
  - A técnica de grupos operativos pode ser utilizada em diversos contextos: com adolescentes, familiares, grupos de terceira idade, grupos de trabalhos, grupos de egressos, grupos de pais, grupos teatrais, grupos esportivos, etc., desde que seus integrantes estejam centrados na tarefa. (O grupo operativo está centrado na tarefa).
  - Tarefa – Pré-Tarefa – Projeto (p. 189): princípio organizador de grupo – é um conceito dinâmico que diz respeito ao modo pelo qual, cada integrante interage a partir de suas próprias necessidades – polo norteador de conduta.
  - Pré-Tarefa: é o obsolentismo dinâmico (movimento que aparentam ação, mas na realidade são realizados para impedir a mudança), isto é, é quando as atividades, permeadas pelos medos básicos, determinam a utilização de técnicas defensivas que estruturam a resistência à mudança (posição instrumental e patoplástica). Um grupo operativo pressupõe aprendizagem (sinônimo de mudança), onde são mobilizados dois medos básicos ou ansiedades básicas em qualquer situação de mudança, sejam elas de objetos do mundo externo ou valores e referências internas. Os medos básicos estão,

dessa forma, a serviço da resistência à mudança, paralisando o prosseguimento do grupo, que passa a funcionar – Como Se – estivesse trabalhando. Os medos básicos são:

- Medo da perda: de perder o já estabelecido, o conhecido (ansiedade depressiva).
- Medo do ataque. Medo de como ficarei numa situação não conhecida, como darei conta "do que está por vir a ser... mas ainda não é" (ansiedade paranóide).
- Tarefa: O processo de elaboração dessa resistência, das ansiedades, gerado pelos medos básicos, a emergência da posição depressiva – consciência de finitude e possibilidade de incluir a ideia da própria morte/castração indica que o grupo poderia estruturar a tarefa possível em termos de tempo e espaço. Portanto, quando o grupo aprende a problematizar os obstáculos que emergem na concretização de seus objetivos (abordagem e elaboração das ansiedades e emergência da posição depressiva), dizemos que entrou em tarefa, e, ao elaborar um projeto viável, com estratégias e táticas, intervindo nas situações, operando mudanças, o grupo está a caminho do projeto. Assim, a Tarefa é a trajetória que o grupo percorre para atingir suas metas, onde o grupo operativo pode ser econômico, na medida em que dispõe somente da energia necessária e suficiente para elaborar e concretizar o projeto.
- Tarefa grupal: processo de compartilhar necessidades em torno de objetivos comuns. Nesse processo emergem obstáculos de várias naturezas: diferenças e necessidades pessoais e transferenciais, diferenças de conceitos e marcos referenciais e do conhecimento formal propriamente dito.
- Tarefa de qualquer grupo: elaborar os medos básicos (que se conjugam e impedem a mudança) em três momentos, por um processo de esclarecimento que vai do implícito ao explícito (cone invertido).

Os três momentos são:

- Tese (afirmação/tema)
- Antítese (negação/oposição)
- Síntese (negação da negação/fusão)
- Tarefa do terapeuta: esclarecer os conflitos que existem entre os integrantes do grupo, evitando que sejam depositários da ansiedade do grupo, assim como o enfermo mental é o depositário da enfermidade do grupo familiar.
- Esquema corporal: imagem tetradimensional que cada um tem de si mesmo: três dimensões de espaço e uma de tempo – noção de processo e historicidade na imagem corporal. No corpo: cada órgão (integrante) faz parte de um grupo interno corporal (o grupo), cuja tarefa é a aprendizagem e a correção de enfermidades orgânicas.
- Papel e Liderança (p. 190): cada integrante constrói seu papel em relação aos outros (inter-relação social), assim, entre papel prescrito e papel assumido, o grupo se articula e desta surge a característica de cada integrante. São quatro os papéis:
  - Porta-voz: depositário da ansiedade grupal;
  - Bode expiatório: depositário de todas as dificuldades do grupo e culpado de cada fracasso;
  - Líder:

- Autocrático: técnica rígida, diretiva, favorece o estereótipo de dependência a serviço do status quo da enfermidade e da resistência à mudança;
  - Democrático: espiral permanente forma uma unidade de alimentação e realimentação (feed-back);
  - Laissez-faire: delega ao grupo sua auto-estruturação, assumindo, parcialmente, sua função de análise e orientação da ação;
  - Demagógico: impostura – de estrutura autocrática, mostra uma aparência democrática e laissez-faire, caindo em contradição.
  - Sabotador e bobo do grupo: depositário das forças que se opõem à tarefa (conspirador). Mecanismo de segregação surge como ameaça ao grupo e implica numa fracassada distribuição das ansiedades e dificuldade para enfrentar situações de mudança.
  - ECRO Grupal: esquema conceitual referencial e operativo. Constitui um objeto cuja consecução implica em um processo de aprendizagem e obriga aos integrantes do grupo a uma análise semântica e sistêmica, partindo da indagação de fontes vulgares (cotidianidade) do esquema referencial – cada integrante leva ao grupo um esquema de referência e sobre a base do denominador comum destes sistemas se configurará as voltas em espirais. (p. 192)
  - ECRO grupal é instrumental e operativo no sentido que a aprendizagem do grupo se estrutura como um processo contínuo e com oscilações, articulando os momentos do ensinar e do aprender que se dá no aluno e no professor como um todo estrutural e dinâmico. É condição básica para o estabelecimento da comunicação que, junto ao processo de aprendizagem, torna-se operativo = direcionado à aprendizagem através da tarefa. A operação final, em relação à tarefa proposta, é a mudança.
  - CONE INVERTIDO: é um esquema constituído por vários vetores e que se fundamenta na operação no interior do grupo. Na parte superior (base) estariam os conteúdos manifestos, emergentes ou explícitos e, na parte inferior (vértice), os conteúdos universais latentes ou implícitos grupais. A espiral representaria, graficamente, o movimento dialético de indagação e esclarecimento, do explícito ao que é implícito e atua ante os medos básicos subjacentes. (p. 195- 196)
  - Vetores: O esquema de cone invertido é constituído por sete vetores de avaliação.
1. Afiliação: É um primeiro grau de identificação que os integrantes têm com a tarefa e com os demais integrantes. O integrante se aproxima, com certo distanciamento, não se envolve de corpo inteiro.
  2. Pertenencia. Na medida em que o grupo se desenvolve, o vetor afiliação vai-se transformando em pertencencia. Há um maior grau de identificação e integração grupal permitindo a elaboração da tarefa. É quando os integrantes superam as distâncias e "vestem a camisa". Percebem que o projeto lhes pertence, deixam de serem espectadores e passam a serem seus protagonistas. Pode ser vista no grupo pelo grau de responsabilidade com o qual os integrantes assumem o desenvolvimento da tarefa, o que permite elaborar estratégias/táticas/técnicas.
  3. Cooperação é uma contribuição ainda silenciosa à tarefa grupal. É a possibilidade dos integrantes assumirem e desempenharem papéis diferenciados. Essa complementariedade consiste na capacidade de desenvolver papéis, não em uma superposição competitiva, mas em uma complementação mútua, intercambiável. Há uma verdadeira rotação de papéis no interjogo grupal. É a contribuição de cada um dos integrantes para com a tarefa e para com os outros integrantes (cada um contribui com o que sabe

e com o que pode). Onde há o caráter interdisciplinar e a inter-relação do que se define por horizontalidade e verticalidade.

4. Pertinência é a centralização do grupo na tarefa. A pertinência é positiva (o não se centrar na tarefa pode ser uma impertinência, quando ocorre a impostura - falar uma coisa e fazer outra - ou sabotamento - usar um subterfúgio para sair da tarefa). É uma situação distinta da pré-tarefa, que, ainda que não seja tarefa, está a caminho dela e do projeto. Na pré-tarefa, o grupo trabalha as resistências à mudança; na tarefa vai trabalhar os medos básicos que alicerçam as resistências. Quando os integrantes fogem disso não há pertinência à tarefa, e se instala um "como se" estivessem em tarefa, andam em círculos viciosos, são as ditas situações dilemáticas ou ficam discutindo falsos problemas, de solução impossível, pelo menos naquele âmbito.

- Comunicação, que pode ocorrer por distintas vias: verbal ou pré-verbal, gestual, por atitudes comportamentais, afetivas e emocionais. A comunicação entre os integrantes de um grupo operativo possibilita que o grupo construa um esquema conceitual, ao qual seus integrantes se referenciam operativamente. Metacomunicação: é o que está relacionado ao conteúdo ("como" e o "quem") da mensagem. A comunicação pode-se instalar de várias formas:

- De um para todos, quando somente um fala e os demais ficam ouvindo passivamente. Esse modelo pode criar dependência de um líder;

- De todos para um só. A situação que aí se instala é a de deposição em um "bode expiatório";

- Entre dois, que se isolam do grupo criando subgrupos;

- Entre todos, quando o que é falado é escutado pelos demais, e a comunicação se torna fluida entre todos.

5. Aprendizagem: que se desenvolve a partir das informações, em saltos de qualidade que incluem a tese, antítese e síntese (as fragmentações e as integrações). É a mudança de quantidade para qualidade – mudança qualitativa e estrutural no grupo. Implica criatividade, elaboração de ansiedades e uma adaptação ativa à realidade.

6. Tele: conceito moreniano. Representa o clima em que se desenvolve o grupo; disposição positiva ou negativa para trabalhar a tarefa grupal; é a aceitação ou rejeição que os integrantes têm, espontaneamente, em relação aos demais. São sentimentos de atração ou rejeição, portanto, tele positiva ou negativa. Significa que toda situação de encontro é, por sua vez, um reencontro com figuras do mundo interno, da história dos integrantes, as quais se reeditam na nova situação.

- **INTERPRETAÇÃO:** A interpretação no grupo operativo segue o modelo de interpretação psicanalítica. Serão hipóteses. Toda interpretação é transferencial. Um elemento a se considerar na construção da interpretação é o estudo das constantes e das variáveis (podem ser a estabilidade relativa, a imposição, a recorrência, a consciência ou a sansão do grupo e da sociedade). (p. 199)

- **COORDENADOR E OBSERVADOR:** O coordenador não está ali para responder às questões, mas para ajudar o grupo a formular aquelas que permitirão o enfrentamento dos medos básicos. Ajuda os membros a pensar, seu instrumento é a sinalização das situações manifestas e a interpretação da causalidade subjacente. (p. 200)

O coordenador forma equipe com o observador: na forma tradicional de grupo operativo, é um observador não participante. Este ao mesmo tempo em que serve de tela de projeção por sua

característica de permanecer em silêncio, recolhe material expresso nos distintos momentos grupais. As notas do observador são analisadas logo em conjunto com o coordenador que com esses elementos pode repensar as hipóteses formuladas e adequa-las em função do processo grupal. (p. 200).

#### **Texto 14**

### **HORIZONTALIDADE, VERTICALIDADE E TRANSVERSALIDADE EM GRUPOS**

**Vida Rachel Kamkhagi**

- Qualquer análise que se faça sobre um grupo deverá admitir que o sentido do que ocorre aqui e agora nesse grupo tem direta relação com o conjunto de instituições de nossa sociedade, seu suporte.
- Grupo operativo: todo conjunto de pessoas, ligadas em tempo e espaço e articuladas por representações internas, se coloca explícita ou implicitamente uma tarefa (finalidade). Função essencial: aprender a pensar.
- Papel: modelos de conduta correspondentes à posição dos indivíduos na rede de interações. Destaca três:
  5. Porta-voz: membro que em um dado momento denuncia o acontecer grupal
  6. Bode expiatório: depositário dos aspectos negativos e atemorizantes do grupo ou da tarefa.
  7. Líder: depositário dos aspectos positivos do grupo.
- Epistemologia convergente: teoria aponta para uma visão integrada do homem em determinada situação histórica e social. Para tanto, articula conceitos da psicanálise, psicologia social, sociometria e, posteriormente, materialismo histórico. Convergência teórica é o substrato para a elaboração do ECRO (Esquema Conceitual Referencial e Operativo) esquema de referência de cada membro do grupo.
- Grupo deve elaborar duas ansiedades básicas para realizar tarefa - medo da perda (ans. Depressiva) e medo do ataque (ans. Paranóide) – que se conjugam configurando situação básica de resistência à mudança.
- Verticalidade: ligado à história pessoal do sujeito, pode ser entendido, por um lado, como a generalização ou a colocação na situação vincular grupal ou na dinâmica grupal das histórias individuais dos membros do grupo.
- Horizontalidade: processo atual do grupo, conteúdos emergentes do grupo.
- Transversalidade: multiplicidade das determinações sócio-ideológico-econômico-sexuais. Supõe que a incidência do significante social sobre o indivíduo se dê a todo momento e em todos os níveis. Guattari elabora esse conceito para substituir a noção de transferência institucional. É o próprio objeto de investigação num grupo-sujeito.
- Análise que se proponha a reorganizar as estruturas de uma transversalidade deve evitar as proibições psicologizantes das relações internas, cujo efeito é perder as dimensões fantasmáticas específicas do grupo.

**QUESTÕES:**

1 - (2004) Baremlitt, sintetizando a crítica de Pontalis, ressalta que o grupalismo pode ser simplesmente uma resposta à demanda social. O fundamento da crítica de Pontalis se refere à carência de critérios do tipo:

- (A) técnicos de eficiência
- (B) práticos de atendimento
- (C) teóricos de cientificidade
- (D) clínicos de padronização

2 – (2006) Tomando por base os artigos elaborados no livro Grupos: Teoria e Técnica, organizado por Gregório Baremlitt, responda às questões:

O autor afirma que os trabalhadores em Saúde Mental devem colocar permanentemente em questão seu papel profissional face ao momento histórico em que vivem. Uma das estratégias para atingir este objetivo é a:

- A) reflexão crítica e ação política
- B) formação médica e ação social
- C) realização de estudos e prática grupal
- D) obtenção de saber e prática acadêmica

3 – (2004) Salzman, citando Didier Anzieu, afirma que o grupo é como um sonho, do ponto de vista da dinâmica psíquica. Com isso quer dizer que o grupo é, em seu desenrolar, uma associação entre:

- (A) desejo / defesa
- (B) sintoma / desejo
- (C) fantasma / angústia
- (D) angústia / realidade

4 – Os pressupostos básicos subjacentes à cultura de um grupo, estabelecidos por Bion, citados por Maria Beatriz Sá Leitão em seu artigo, são:

- (A) luta e fuga, paranóide e maníaco
- (B) dependência, maníaco e esquizóide
- (C) esquizóide, conjugação e depressivo
- (D) conjugação, luta e fuga, dependência



**GABARITO:**

---

**1C 2A 3A 4D**

---